

CINEMA E EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DAS DIFERENTES IDENTIDADES CULTURAIS NA AMAZÔNIA PARAENSE

CINEMA AND EDUCATION IN THE CONTEXT OF DIFFERENT CULTURAL IDENTITIES IN THE PARAENSE AMAZON

Rosilene Feiteiro de Melo **1**
Leonardo Zenha Cordeiro **2**
Doriedson Alves de Almeida **3**

Resumo: A intenção do presente estudo é discorrer sobre a lente histórica de repercussão e trajetória do cinema, cultura e educação no campo das diferentes identidades dos sujeitos na Amazônia e a inclusão digital. Com base em análises de interações e resistências culturais vinculadas aos sujeitos e suas características neste universo diversificado e heterogêneo que é a Amazônia. O objetivo é analisar a importância de pertencimento dos sujeitos que compõem esse mosaico amazônico: Indígenas, Ribeirinhos, Quilombolas e a “apropriação” e vivências no meio tecnológico. Metodologicamente este estudo classifica-se como um recurso de revisão sistemática, o qual visou buscar informações, através de obras, filmes, explorar os meios de resistência desses povos em análise. Verificou-se subjetivamente durante toda a produção do roteiro, um desafio ao pensamento cultural a partir de novos saberes ao discurso social vigente quando apresenta o paradoxo entre a ficção e realidade contracenando com toda a diversidade Amazônica.

Palavras-chave: Amazônia. Cinema. Cultura. Educação. Revisão Bibliográfica.

Abstract: The intention of this study is to discuss the historical lens of repercussion and trajectory of cinema, culture and education in the field of different identities of subjects in the Amazon and digital inclusion. Based on analyzes of interactions and cultural resistance linked to the subjects and their characteristics in this diverse and heterogeneous universe that is the Amazon. The objective is to analyze the importance of belonging of the subjects that make up this Amazonian mosaic: Indigenous, Ribeirinhos, Quilombolas and the “appropriation” and experiences in the technological environment. Methodologically this study is classified as a systematic review resource, which aimed to seek information, through works, films, to explore the means of resistance of these peoples under analysis. Subjectively throughout the production of the script, there was a challenge to cultural thinking from new knowledge to the current social discourse when it presents the paradox between fiction and reality opposite all the Amazonian diversity.

Keywords: Amazon. Movie Theater. Culture. Education. Literature review.

Professora de Língua Portuguesa da rede Municipal em Altamira/**1**
PA. Mestranda em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará. Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/0509242079641616>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2487-3298>. E-mail: roselameira@hotmail.com

Professor Doutor da Universidade Federal do Pará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2632651097546086>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2474-8112>.
E-mail leozenha@gmail.com

Professor Doutor da Universidade Federal do Oeste do Pará. Lattes: **3**
<http://lattes.cnpq.br/1055254689850549>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1629-2234>. E-mail: doriedson.almeida@ufopa.edu.br

Introdução aos “tempos modernos e o contexto amazônico”

O presente trabalho pretende descrever um breve panorama sobre a trajetória dos sujeitos culturais na Amazônia Paraense, mais precisamente um estudo de revisão bibliográfica sobre cinema, educação e cultura na ótica de autores que discutem o tema e demarcam contrastes mediadores na tela da contemporaneidade com o advento tecnológico. São encontradas realidades adversas nas identidades “Amazônidas” que procuram incorporar a este sistema “manipulador”, promovendo interesses diversos de resistência e pertencimentos em um mundo impregnado digital.

Trata-se de um caminho desafiador a partir da “hominização¹”, tentar compreender este processo que demanda buscar conceitos culturais de representações dos sujeitos neste meio diversificado da sua resistência. E assim moldando um caráter específico através da história do cinema Amazônico, educação e da própria cultura.

Assim como há a diversidade na cultura amazônidas, há também diversidade de representações poéticas sobre ela. Há representações da Amazônia a partir de uma perspectiva exógena ou alóctone, ou seja, do exterior para o interior, a visão do estrangeiro e dos brasileiros de outras regiões sobre a Amazônia, bem como há representações endógenas da Amazônia, ou seja, aquelas formadas a partir de uma perspectiva do autóctone, isto é, do habitante ou natural da região. (BUENO, 2002).

A Amazônia é uma invenção. Primeiro, do estrangeiro, depois, do próprio brasileiro. Hoje, ela é inventada e reinventada continuamente por pessoas e instituições de dentro e de fora (muito mais de fora), que geram uma imagem múltipla (e ao mesmo tempo singular) da região. Os estereótipos e mitos presentes nas primeiras interpretações sobre a região ainda podem ser encontrados nos mais diversos discursos da pós-modernidade. Inclusive, ironicamente, em alguns estruturados no interior da região (BUENO, 2002, p. 21).

É claro que a visão endógena não é homogênea. De acordo com Magali Bueno, em sua dissertação de mestrado, apresentada em 2002, “os lugares e a heterogeneidade da região estabelecem com os locais menores que a compõem (as metrópoles, as cidadelas, vilarejos, aldeias, comunidades) uma experiência particular, no seu cotidiano. Tem a Amazônia como um espaço vivido, um espaço diretamente experimentado”.

Um campo aberto para a criação e recriação do cinema brasileiro, onde produtores havia, de fato, empenhados em recriar os grandes momentos históricos e as narrativas dos heróis nacionais, bem como em exaltar os aspectos naturais do país e a imagem pura do autóctone.

Esse quadro é reconfigurado no Brasil, quando artistas do Modernismo elaboram novas manifestações do nacionalismo brasileiro, da ‘brasilidade²’, ao apropriarem-se de elementos regionais (inclusive da Amazônia) e misturá-los a elementos de outras regiões, e até aos elementos estrangeiros diversos, criando novos laços de identificação cultural (antes restritos a uma ideia sólida de “nação”). A identidade se dá na tensão entre local, regional, nacional e estrangeiro (COUTINHO, 1968).

A Amazônia parece representar, portanto, um espaço (imaginário) propício para abrigar fantasias, por ser ainda uma região considerada paradisíaca, que carrega a imagem de exotismo e exuberância, e por ser pouco conhecida.

As narrativas lendárias e mitológicas, suas personagens; os ritmos, a culinária, a pintura corporal, o artesanato, as vestimentas; assim como as imagens de natureza, floresta, rios,

1 Não é adaptação: o homem não se naturaliza, humaniza o mundo. A “Hominização” não é só processo biológico, mas também história (FREIRE, 1997, p. 18).

2 A nacionalidade ou brasilidade não decorre de nenhum fator isolado, mas é uma resultante de um complexo de elementos: uma língua, um meio natural (clima, paisagens, flora, fauna), uma história vivida em comum, usos, costumes, leis, aspirações... Tudo traduzido num ‘sentimento íntimo’. (COUTINHO, 1968, p.45).

fauna, flora; e ainda, os conceitos associados à região, como o exotismo, a aventura, a pureza, a ingenuidade, o primitivismo, a energia, a fantasia, o misticismo, o desconhecido; tudo ganha novos sentidos (mais afetos à aparência do que ao seu conteúdo essencial) dentro de um sistema econômico capitalista global, no qual o Brasil do século XXI está inserido.

As consequências da imposição desse novo modelo de produção na cultura amazônica quando afirma que “na atualidade, [a Amazônia] atravessa uma fase de perda dessa qualidade aurática, em decorrência de transformações verdadeiramente profundas [causadas pelo] modelo de desenvolvimento concentrador do capital, imediatista na obtenção de fins, predatório da natureza e violentador do homem e sua cultura”. [...] e prossegue, “O capital se apropria da natureza e varre dali a magia e o mito, a música cósmica e o índio, imprimindo-se como mito mágico da violência” [...] (LOUREIRO, 2000, p. 34).

O que se questiona, entretanto, não é a manutenção tradicionalista de uma “cultura no passado”, mas a necessidade de a cultura amazônica como expressão de um presente histórico, manter-se como processo, procedendo a suas trocas simbólicas com outras culturas, sem mutilações ou substituição, permanecendo respeitada e íntegra no éthos ético-estético que a constitui.

Desse modo, precisa-se de uma transformação radical, ou melhor, uma exigência premente e concreta de mudanças estruturais que foram provocadas pela inevitável globalização da economia e das comunicações, associadas a novos valores que estão refundando instituições e convivências sociais na emergente sociedade, e conseqüentemente moldando “identidades”.

Nesse sentido, o objetivo é analisar as diversas situações que envolvem o cinema e educação presente nas relações sociais de poder na Amazônia voltada ao contexto tecnológico para que os sujeitos possam colocar “em cheque” os conhecimentos prévios das suas próprias identidades, verificando um posicionamento crítico diante dos filmes, aplicados ao ensino e aprendizagem, sendo fundamentado no contexto social e político vigente.

Entendemos que no contexto Amazônico é necessário refundar essa perspectiva “desenvolvimentista” e “colonial” (SANTOS et al, 2007) que até os dias de hoje esta presente. Para isso pegando como referência Felwine Sarr (2019) em seu livro Afrotopia o autor nos remete a pensar de uma urgência de uma “construção Etnocultural” para esse povos/territórios.

Trata-se de pensar um projeto de civilização que coloque o homem no centro de suas preocupações, ao propor um melhor equilíbrio entre as distintas ordens (o econômico, o cultural, o espiritual) e ao articular uma relação diferente entre o sujeito e o objeto, a *arché* e o novo o espírito e a matéria (SARR, 2019, p.14).

Logo, para compreensão de como ocorreu este processo de construção e desconstrução e até mesmo resistência dos sujeitos no exercício da sua formação cultural, precisa-se conhecer suas particularidades atribuídas a um passado com lutas de espadas, flechas, para um universo com bombas capazes de destruir o mundo. E no caso amazônico com genocídios, desmatamento e imposição cultural e colonial.

Nessa lógica, no auge deste processo moderno, trouxe para os sujeitos (Indígenas, Ribeirinhos, Campesinos, Quilombolas) uma “Guerra nas Estrelas³”, não com espadas, nem como reféns das forças imperiais comandadas por Darth Vader, mas sim com desafios parecidos com o episódio IV do mesmo seriado que versa sobre “uma nova esperança” guiada pelo capitão Han Solo (Harrison Ford) para restaurar a (des)“igualdade” na galáxia tecnológica. Afinal, foram

3 Filme de 1977, dirigido por George Lucas, com Mark Hamill, Harrison Ford, Carrie Fisher, Alec Guinness. Luke Skywalker (Mark Hamill).

transformações que envolveram setores sociais, culturais, políticos, educacionais e econômicos.

No âmbito mediatista, o cinema nacional mostra de forma audaciosa “Tropa de Elite⁴”, a corrupção existente nas corporações Brasileiras; as guerras entre policiais e traficantes, recheado de sangue com vítimas inocentes moradores das favelas e pra “acalmar” os ânimos em 2009 lança “Tempos de Paz⁵”, mostrando de forma subjetiva que convivemos com nazistas o tempo todo. A linhagem vem desde o período da ditadura militar, com o diretor Carlos José Fontes Diegues, teórico e polemista por maestria, um dos criadores do Cinema Novo.

Mostrando com seus documentários e filmes um regionalismo e uma intensa identidade cultural, com objetivo de criticar que através do cinema é possível se estabelecer um diálogo entre cultura local e a cultura global. Explorando a teoria da intertextualidade, partindo do imaginário social da Amazônia paraense, estabelecendo diálogos com outros filmes, outras culturas, reafirmando a identidade cultural desta Região.

Guedes, em plena ditadura militar, apresenta uma “Terra em Transe” (1967), igual no passado, presente e, na lógica da atualidade um futuro mais em transe ainda, incerto. Filmou no mesmo ano “Adorável Trapalhão” (1967), ensinando como devemos agir em meio a tantas atrocidades políticas? Como um “Pobre príncipe encantado” (1969) ou “Os Herdeiros” (1969), diante de tanta tecnologia? Mortos e silenciados assistindo “Quando o carnaval acabar” (1972), ou quem sabe somos uma representação fiel de “Xica da Silva” (1976), na ficção e na realidade, entre o rio e a floresta em uma viagem social da Amazônia⁶.

As imagens como as do cinema e demais suportes e mídias são inseparáveis do nosso contato com o mundo, da invenção de nossas histórias e memórias, da produção de subjetividades e da criação das narrativas do presente (FILHO, BERINO & SOARES, 2018, p. 11).

É imprescindível, ainda, sobre as subjetividades, identidades, cinema e a educação, que são personagens principais deste estudo, situar seus desenvolvimentos e funções no campo sociocultural de sua existência, uma vez baseado no contexto na construção social no século XX, assim, é fundamental refletir.

Sendo o cinema e a educação, neste meio, responsáveis pela elevação dessas identidades, mais precisamente no século anterior, os filmes surgem na Europa e, quase ao mesmo tempo, na América e no restante do mundo. Mas foi, exatamente, no século passado que o cinema ganhou status social e político. Portanto, situar o cinema em seu contexto é demonstrar sua inserção e função na sociedade enquanto mecanismo de construção de memórias e documentação histórica (HOBSBAWM, 1995, p. 23).

É pertinente resgatar um pouco da história e da construção deste imaginário para entender mais sobre cinema, pois tem relações intrínsecas também com a Educação e a Cultura, como destaca Freire (1997), “afinal éramos povoados por índios, fomos colonizados por Europeus, colonização esta de exploração e não de povoamento com os negros africanos trazidos para o trabalho escravo. Partindo deste viés temos um caldeirão de culturas e raças distintas que influenciaram e formaram a nação Brasileira”.

Ademais, a miscigenação da cultura: europeia (Católica), africana e indígena, forjou a identidade deste país. Aqui no contexto da educação e a formação todo este processo pode ser dividido em três grandes momentos políticos: primeiro a educação promovida pelos Padres Jesuítas; segundo a educação como privilégio de fidalgos e terceiro a identidade feminina na

4 Filme de 2007 com direção de José Padilha com Wagner Moura; Caio Junqueira; André Ramiro; Milhem Cortaz.

5 Um filme de 2009 com direção de Daniel Filho e elenco: Tony Ramos, Dan Stulbach e o próprio Daniel Filho.

6 Filmes produzidos por: Carlos José Fontes Diegues, mais conhecido por Cacá Diegues, um dos principais diretores do cinema Brasileiro.

educação que ocorreu apenas no século passado. (FREIRE, 1997).

Faz-se necessário, portanto, ampliar as discussões já existentes sobre cinema, educação, cultura, tecnologias; entre outros termos pertencentes a este universo repleto de variedades e opções historicamente constituídos e situados em um contexto inerente linear mostrando em vários momentos que “A Vida é Bela”⁷ em outros aparece “em crise” como em uma “Central do Brasil”⁸ e porque não acreditar na fé que “Deus é Brasileiro”⁹. Nesta imensa selva de natureza viva, a Amazônia.

O homem da região, mais precisamente o ribeirinho, é parte integrante dessa imensidão Amazônica. Nela ele segue o ciclo da vida, na busca constante de compreendê-la enquanto mundo e de compreender-se enquanto elemento que forma e transforma esse mundo. Um espaço que vai além do geográfico para alcançar o imaginário, tendo em vista a expressão simbólica que lhe é peculiar. É deste espaço, que o homem continua a olhar a floresta que “olha o céu e que também nos olha”, em uma metáfora que muito bem expressa o imaginário social da região amazônica (LOUREIRO, 1995, p. 27).

É possível imaginar mais metáforas no contexto cultural voltado para esta análise dos movimentos de representações e resistências das identidades dos sujeitos no contexto cinema, cultura e educação na Amazônia.

Uma das muitas possibilidades vislumbradas é conceber os Estudos Culturais em Educação, como um partilhamento de entendimentos, de conceitos-chave e “formas de olhar” que trouxeram, principalmente, para as áreas das humanidades, da comunicação, da literatura. Entretanto, isso parece soar um tanto parcial e inexato, uma vez que não se trata apenas de “partilhar”, de “apropriar-se” ou “utilizar” as “lentes” dos EC¹⁰. “O que vem ocorrendo de mais significativo são as possibilidades que se abrem para se entender de forma diferente, mais ampla, mais complexa e plurifacetada a própria educação, os sujeitos que ela envolve, assim como as fronteiras do campo e os limites de suas possibilidades de atuação” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 45).

Nesse contexto, pretende-se buscar reflexões subjetivas do contexto sociohistórico que leva a construção, formação e resistência do discurso tecnológico voltado para estes sujeitos que convivem com uma tecnologia que deveria incrementar a diversidade educacional e não se resumir em choques culturais e de gêneros.

É importante discutir esta temática, uma vez que precisamos de elementos para construir a memória de um povo. A memória de um local é um dos mais importantes temas da cultura de um grupo social. Muitos pensadores do campo das ciências sociais debruçaram-se sobre este tema, seja estudando-o numa perspectiva de “negá-la”, “desmascará-la” e ou apontar para a sua valorização de forma a falsear a história assim como tentar entendê-la como

7 *A Vida é Bela* (em Italiano: *La vita è bella*) um filme de Roberto Benigni com Roberto Benigni, Horst Buchholz. Lançado no ano de 1998. Venceu o Grand Prix do Festival de Cannes em 1998, nove Prêmios David di Donatello na Itália, incluindo o de Melhor Filme, e três Oscar nas categorias de melhor filme estrangeiro, melhor ator (pela atuação de Roberto Benigni) e melhor trilha sonora para um filme dramático durante a cerimônia de 1999.

8 *Central do Brasil* é um filme franco-brasileiro de 1998 dirigido por Walter Salles, escrito por João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein, e estrelado por Fernanda Montenegro e Vinicius de Oliveira com direção de fotografia: Walter Carvalho.

9 Filme de 2003 de Carlos Diegues com Antonio Fagundes, Hugo Carvana, Wagner Moura, Paloma Duarte.

10 Estudos Culturais

processo natural de vivência numa dada realidade.

Onde os passos da comunidade representam papel preponderante no que tange a própria organização política de grupos específicos. “Para nós é perceptível que negar a cultura de um determinado lugar nestes processos de construções, seja da organização ou pelo contrário da total negação cultural apresenta-se como um equívoco. Qualquer comunidade desenvolve-se em prol de preceitos ligados a cultura” (MARX, 1993, p. 3).

O estudo, portanto, inicia-se por meio de levantamento bibliográfico com a coleta de informações para desenvolvimento do trabalho que serão constituídas de realização documental e pesquisas na internet e livros que versam sobre a temática.

Principalmente se esta discussão se faz no campo da Amazônia que apresenta amplas possibilidades de análises, seja centrada nos sujeitos ou na própria amplitude de representação cultural existente neste imenso lugar e suas várias peculiaridades em destaque neste ensaio a educação, o cinema a cultura a identidade dos sujeitos auxiliando nas reflexões neste universo moderno e desafiador o qual apresenta uma hegemonia controladora advinda da política e de grupos monopolistas que pertence à minoria.

Por isso a necessidade de refundar esse espaço a partir de outras especialidades indenitárias, como no filme “Macunaíma”¹¹(1969), em sua viagem pela Amazônia, o caráter emblemático de quem busca no diálogo com outras culturas, reafirmar, através das diferenças e das semelhanças, sua identidade cultural, como declara Dias (2000), “a busca de uma identidade cultural, é a busca de afirmação de uma diferença e de uma semelhança. Quando buscamos a identidade cultural procuramos identificar aqueles que são iguais, que se identificam conosco, isso fortalece o sentimento de solidariedade grupal”. Algo que o país está precisando filmar para dialogar com a consistência do cinema na educação.

“O método”

A metodologia aplicada no estudo foi alcançada fundamentalmente por entremeio de revisão bibliográfica e análise documental. Referente às enormes e difíceis questões que permeiam, tanto a área do cinema quanto da educação, o trabalho alicerçou-se em um levantamento bibliográfico ancorado entre: dissertações, livros, artigos, teses e outros aportes teóricos complementares que emitiram embasamento e consistência para as propostas que foram colocadas neste estudo, que constataram o cenário atual da Amazônia.

Desta feita, a pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o início para toda pesquisa científica. Assim, pode-se considerar a referida pesquisa como sendo de cunho bibliográfico e documental, tendo em vista, que foram utilizados documentos complementares que são de domínio público. (SOUSA, 2001, p. 45).

O estudo bibliográfico é realizado em áreas na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado. Por sua natureza de sondagem, não comporta hipóteses que, todavia, poderão surgir durante ou ao final da pesquisa.

Compreende esta pesquisa como interpretativa no qual o pesquisador desenvolve uma intimidade com os temas abordados e compreende de maneira mais significativa situações abordadas no decorrer da pesquisa, assim o pesquisar poderá perceber de forma prática a problemática, não existe neutralidade neste sentido, e alguns conceitos

11 Um filme de Joaquim Pedro de Andrade com Grande Otelo, Paulo José, Jardel Filho, Milton Gonçalves. 1969.

podem ser ampliados ou até mesmo resinificados ao passo que o pesquisador tem um contato de diálogo com a situação problema (CRESWELL, 2007, p. 56).

Amazônia: Formação e Informação

Apresentar a Amazônia para corroborar ou relacionar com “as identidades, diversidades, educação e cinema é como um caleidoscópio. Podemos enxergar diferentes realidades, podemos escolher mais de uma perspectiva de análise e cada uma terá uma lógica, seu fundamento, sua defesa, porque projetamos em cada contexto nosso olhar [...], nossa experiência”. (MORAN, 2012, p. 13).

Assim, é possível enxergar diversas realidades nesta vasta Amazônia: histórias de fracassos, insucessos, de burocracia, de sucessos, cobiças, expansão e mudanças, como por exemplo, os dois fluxos migratórios e colonizadores: Abertura da Transamazônica na década de 70 e a construção da (UHE) Belo Monte em 2016¹².

Todas essas realidades acontecem ao mesmo tempo, importando ter uma visão clara e realista, mas jamais “desesperançada”, manifestar uma determinada visão epistemológica de educação, de mundo. Proporcionando novas formas de acesso a informação, de se comunicar e socializar, de superação das noções tradicionais de espaço e tempo (MORAN, 2012, p. 15).

Trabalhar a Amazônia nesta visão epistemológica da Educação e de mundo esbarra em dois conceitos: o da diversidade e da cultura que deixaram de ter significados estritamente geográficos e cronológicos, estendendo-se para outros domínios de natureza social, econômica e até educacional. Distancia-se da rigidez da linearidade e se aproxima da fluidez, da simultaneidade e da complexidade.

Desse feito, a Amazônia impõem inúmeros desafios, visto que temos contextos diversificados, complexos; seja pela dimensão do seu território e/ou pelas irregularidades da presença humana desde sua colonização.

Há ainda a barreira do avanço nas tecnologias para a região, principalmente a incorporação de fato destas à educação e do cinema. Em pleno século XXI, diante da sociedade em rede, há na Amazônia, muitos excluídos digitais.

Este é o cenário onde se atribui o sentido da pesquisa: A Amazônia, homogênea, pintada de verde dos livros didáticos, mas na região multicolor em que se vive e pulsa diversidade e contradições. Isso é posto justamente porque ao se falar em Amazônia logo se associa à imagem de uma grande região com uma exuberância natural, constituída por uma vasta floresta tropical, banhada por uma gigantesca bacia hidrográfica (Rios Solimões e Amazonas) (ALBAGLI, 2010, p. 34).

A região ainda é propalada pela existência de enormes recursos naturais, vindos da floresta, da fauna, bem como dos minérios, riquezas naturais estas, que vêm regendo as relações econômicas, políticas e sociais ao longo da história da Amazônia. A abundância de águas, bem como a riqueza e variedade de espécies vegetais, animais, a interação entre esses seres vivos, contribuem para a formação da biodiversidade amazônica. (ALBAGLI, 2010, p. 10).

O valor da Amazônia nesta construção e sua colocação em métodos culturais de representações passam pelo desafio de dar preço ao que não faz parte do processo de compra e venda e na vida dos indivíduos ou a maneira de satisfazer as necessidades da população quanto ao impacto da construção de grandes empreendimentos, tais como: Belo Monte e Jirau

¹² Os estudos para o aproveitamento hidrelétrico da bacia do rio Xingu iniciaram-se no ano de 1975. E foram acertados depois de um longo processo e marcados por conflitos. Em novembro de 2015, a então presidente do IBAMA expediu a Licença de Operação (L.O.) nº 1317/2015 da UHE Belo Monte para o período de 2016 a 2021, sendo a Norte Energia S.A. (NESA) a empresa responsável pela finalização e operação da usina. (LEME, 2009).

Tucuruí como modelo.

Especificamente Belo Monte, a “crise” no balanço de pagamentos e o direcionamento de recursos públicos para subsidiar a construção da hidrelétrica para produzir energia, implicou uma mudança de política que, então, descobre uma vocação territorial, pecuária e de exploração mineral na região.

Esses fatos, na verdade, precipitaram a apropriação da Amazônia por uma lógica capitalista explícita. Afinal, as áreas de fronteira mais afastadas dos centros dinâmicos da economia capitalista geralmente se prestam às atividades extensivas como a pecuária, em virtude dos preços mais baixos de suas terras, ou para atividades extrativistas de minério ou de madeira de lei. Do ponto de vista do padrão de organização do espaço que preexistia na região, dos seus padrões ecológicos e culturais, o choque não podia ser mais violento. (GONÇALVES, 2005, p. 96).

Diante disso, no que tange esta exploração e condições de possibilidades na Amazônia, dois aspectos devem ser devidamente considerados.

Primeiro por serem áreas mais afastadas, o preço da terra é mais barato na região e segundo desperta o interesse pela exploração de recursos minerais e florestais. Para Gonçalves (2005), estes aspectos decorrem que:

As atividades que utilizem grandes extensões de terra, como a pecuária se mostrem aquelas economicamente mais racionais e; Para explorar as riquezas minerais ou mesmo florestais sejam atraídos grandes capitais, os quais mesmo dispendo de tecnologias mais sofisticadas, exigem um conjunto de investimentos em condições gerais de produção (comunicação, transporte, energia, políticas de implantações, etc.). [p.46].

Nesse sentido, abre-se um parêntese como registro de destaque, ao argumentar sobre as políticas de implantação dos grandes projetos, que tem como objetivo central políticas públicas desiguais, poder político que resvala na população mais pobre, representando apenas os interesses da minoria detentora do poder.

Na construção do discurso de análise e síntese, recorre-se ao diálogo com os principais autores quando o assunto é a Amazônia, por meio de suas concepções heterogêneas, no intuito de referendar as características marcantes que nos levam a entender este fenômeno tão discutido mundialmente.

O mesmo raciocínio será empregado na discussão dos resultados quando a teoria e empiria serão confrontadas, contracenando com o tema cinema e educação em uma vertente reflexiva a qual este trabalho pretende dialogar.

Hodiernamente, retratar a Amazônia sobre a ótica do cinema e educação é necessário um retorno ao período da Ditadura Militar, onde Freire (1987) salienta que a educação como prática da dominação, que vem sendo objeto dessa crítica e contexto atual, “mantendo a ingenuidade dos sujeitos, o que pretende em seu marco ideológico (nem sempre percebido por muitos dos que realizam), é indoutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão”.

Neste sentido, o ensino e as representações do cinema nas escolas, ocorrem de forma precária e tem como eixo norteador resgatar o sentido do humano, portanto, o que se tem é o mais profundo e significativo eixo da inclusão, e conseqüentemente, no meio educacional o da interdisciplinaridade, perguntando-se a todo o momento: “o que há de profundamente humano entre a exuberância do cinema e as desigualdades”? Ou – “em que o cinema contribui para que os sujeitos se tornem mais humanos”?

Abre-se um parêntese para destacar que esta “exuberância” do cinema na escola, está atrelada a um “Bye Bye Brasil¹³” da década de 70 que cruzou o país com a Caravana Rolidei,

13 Um filme de 1979, dirigido por Carlos Diegues com Betty Faria, José Wilker, Fábio Jr., Zaira Zambelli. Salomé (Betty Faria), Lorde Cigano (José Wilker).

levando espetáculos para o setor mais humilde da população brasileira e que por ventura nem tinha acesso à televisão, ou basicamente está associada ao filme “Serra pelada¹⁴”, história que se passa na década de 1980, a famosa corrida do ouro no Pará, que teve como pano de fundo, a hierarquia entre os garimpeiros, os interesses do governo, a Malária, a chegada da AIDS¹⁵ e a ganância do homem. “A busca pelo ouro no garimpo de Serra Pelada na década de 1980 no Pará deslocou um contingente de milhares de garimpeiros e outros aventureiros que se arriscaram numa busca frenética pelo metal alimentada pelo sonho de enriquecimento rápido¹⁶”.

Por ser Serra Pelada o mais próspero e ambicionado garimpo da região, o então governo federal de João Figueiredo (1979-1985) toma a decisão de por em prática seu próprio modelo de “intervenção e controle” [...] (KOTSCHO, 1984, p. 14-15). E as histórias saem da ficção pra realidade, independente da época e dos personagens. [...] “O governo federal aproveitou-se política e economicamente do adiamento de seu fechamento, quer através do controle da extração e exercendo o monopólio da compra do ouro, sendo que as condições de trabalho, moradia e vida dos trabalhadores continuam as mesmas; quer usando o garimpo como base de apoio para as eleições nacionais de 1982”. Moura (2008, p. 55).

Talvez, levando em conta à redemocratização do país que tem um pouco mais de duas décadas e alguns avanços na educação a resposta, encontra-se a priori na mobilização de grupos populares a partir de manifestações que levam os sujeitos a ter um olhar mais crítico na política de educação, pois esta é de total relevância para o crescimento das pessoas enquanto cidadão, respeitando as diversidades que obstaculiza trabalhos inclusivos em todas as camadas sociais e principalmente o acesso ao cinema, pois na escola o monopólio ainda é parecido com a “ficção” do filme “Serra Pelada”.

A cultura da mídia: cinema e educação

Na contemporaneidade, quando o assunto é cinema, verifica intensa ampliação das formas de produção e difusão de informação, comunicação e a disseminação de valor fragmentado, onde ganha relevo os processos de educação sistemática, tecnológica e intencional que, transcendem o imediatismo e o pragmatismo, investem no desenvolvimento das faculdades psíquicas humanas superiores e das habilidades operacionais correspondentes aos sujeitos e os processos históricos das “verdades”. (MARX, 1993).

Por isso “o século XX marca não apenas o primeiro século da história do cinema, mas também o primeiro século de história capturado pelos filmes”. (GUNNING, 2006). O cinema foi criado na França no final do século XIX e sua relação com a educação brasileira teve início na década de 1920, com o reconhecimento do potencial educacional das produções cinematográficas (filmes de longa, curta e micro metragem) pelos pensadores do escolanovismo, passando-se então a admitir seu uso nas escolas por meio de projetos educacionais (LEITE, 2005).

Após a Segunda Guerra Mundial, ocorreu a evolução do cinema que deixou de “ser mudo” e passou a falar uma linguagem própria e cada vez mais popular juntamente com o uso de algumas tecnologias, que fez do próprio cinema uma escada de ascensão. A partir de: modelos, valores, vida cotidiana, produtos da indústria cultural, novas identidades.

Afinal, o cinema ainda era recinto para a elite e as locadoras disponibilizavam filmes para a grande massa popular que esperava ansiosos por lançamentos, motivo de muita adrenalina para os assíduos de carteirinha que faziam filas para assistir em primeira mão os melhores filmes. “Sem dúvida o grande público hoje das locadoras é o popular, ou, como pode também ser chamado, quem gosta de filmes (não de cinema) casualmente” (LEITE, 2005).

14 Filme de 2013, de Heitor Dhalia com Juliano Cazarré, Júlio Andrade, Sophie Charlotte, Wagner Moura.

15 Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

16 Matéria de capa “Ouro na Amazônia” da revista Veja sob o título “A serra dourada”, edição de 11 de junho de 1980. Consta na página 19 “Carta ao leitor”.

Este período histórico onde o cinema produziu, armazenou e distribuiu seus objetos (os filmes), basicamente, foi marcado por três fases temporais: a Era das Catástrofes que, entre 1914-1946, levou o mundo a duas guerras, a uma revolução que se mostrava como alternativa a sociedade capitalista, a uma crise econômica mundial sem precedentes e ao abalo da democracia com o nazi-fascismo; a Era de Ouro que, entre 1947-1973, intensificou a luta invisível entre comunismo e capitalismo e transformações sociais, culturais e tecnológicas nunca vista antes; e, por fim, as Décadas de Crise que, seguindo-se os anos dessa última era, presenciou o fim do bloco comunista, o desemprego em massa e um mundo cada vez mais globalizado (HOBSBAWM, 1995).

Convém ressaltar, em consequência disso, nas suas múltiplas relações com a história, seja como agente, representação, reflexo e documento, “o cinema, inevitavelmente, constrói documento-imagem”. Nestes, podemos divisar o passado no seu ambiente ontológico com seus aspectos sonoros e visuais próprios, ainda que, objetivamente, construídos pelos realizadores (FERRO, 1992, p. 89).

No campo educacional o cinema apresenta o domínio da cultura veiculado pela mídia sobre a sociedade e a cultura em geral com modelos de estudos culturais da mídia. Assim, desenvolve métodos específicos de estudos da cultura da mídia, tendo como foco de análise a mídia norte-americana.

Apresentando definições sobre guerras teóricas e culturais, políticas e ideologias do cinema Hollywoodiano, forçando a duas vertentes: interpretações da cultura da mídia com análise de projetos ideológicos e conceitos de diagnóstico crítico da leitura de filmes. Delineando modelos de estudo a partir de múltiplas perspectivas. Onde nos aproximamos cada vez mais do “Abraço da Serpente¹⁷”, ou afogados e excluídos como em “Narradores de Javé¹⁸”, distanciando cada vez mais da “Amazônia eterna¹⁹”. “A cultura da mídia e a de consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes” (HALL, 2016, p.11).

Ainda segundo Hall (2016), melhor forma de dialogar sobre o cinema na educação, seria primeiramente compreender estudos culturais no contexto da teoria crítica da sociedade a partir de discursos e contribuições do feminismo, projetos multiculturalistas sobre sexo, sexualidade, raça, etnia, alteridade e marginalidade, ou no que tange aspectos proeminentes da atualidade: sociedade de consumo e das mídias, novas tecnologias, comunicação e informação, novas formas de moda e cultura, poder e conhecimento, subjetividade e identidades.

Portanto, “a partir da tecnologia do monitor de TV, do videocassete e da fita (VHS), os filmes no âmbito educacional há muito tempo vem transformando a sala de aula e a sala de casa em “sala de cinema”. Essa transformação, por sua vez, é decorrente de uma prática pedagógica cada vez mais comum e constante nas instituições de ensino” (COSTA, 1989). Apenas com apresentações de filmes de animação, lançamentos, não ocorre uma seleção para se trabalhar a formação do sujeito.

Nos últimos tempos, surgiram novas tecnologias que mudaram os padrões de vida cotidiana e reestruturaram o trabalho e o lazer. O computador substituiu muitos empregos, mas também criaram novos. As novas tecnologias da mídia e informática, porém, são ambíguas e podem ter efeitos divergentes. A comercialização e a transformação da cultura em mercadoria trazem muitas consequências importantes que o cinema ainda não consegue resolver no âmbito educacional (HALL, 2016, p. 67).

17 Um filme de Ciro Guerra, 2015.

18 (Eliane Caffé, Brasil, 2003).

19 O filme Amazônia Eterna expõe grandes equívocos e aponta possíveis caminhos para que a humanidade passe a enxergar a maior floresta tropical do mundo em suas várias camadas: social, política e econômica. Filme de Belisário Franco, 2012.

Reporto-me a Moran (2012), para corroborar que “a educação é como um caleidoscópio. Podemos enxergar diferentes realidades, podemos escolher mais de uma perspectiva de análise e cada uma terá uma lógica, seu fundamento, sua defesa, porque projetamos na educação nosso olhar [...], nossa experiência”.

É possível enxergar diversas realidades de educação no país: histórias de fracassos, insucessos, de burocracia, de sucessos e mudanças. Conforme o autor citado, todas essas realidades acontecem ao mesmo tempo, importando ter uma visão clara e realista, mas jamais “desesperançada”.

E neste ponto ficar longe do que fala o registro de Almeida (2012, p. 82) é pertinente, ao afirmar que é preciso ir “além do acesso”. É preciso criar condições para que os alunos “possam se expressar por meio de múltiplas linguagens, dominar operações [...] das tecnologias, compreender suas propriedades específicas e potencialidades para uso na busca de solução para os problemas da vida”.

Amazônia: território econômico de exclusão

Figura 1. Imagem do Rio Xingu. Altamira/PA



Fonte: (Amazônia: Patrimônio Cultural Brasileiro, 2015).

Especialmente a Amazônia diante dos novos territórios, segundo Gonçalves (2005), esta descartada, aquela do padrão rio-várzea-floresta. Não é a partir das suas condições culturais e ecológicas que ela será incorporada à nova dinâmica do capitalismo, agora profundamente internacionalizada. Ao contrário, e mais uma vez, ela será apropriada material e simbolicamente pelos valores dos “de fora”.

É neste cenário que os sujeitos sociais buscam seu papel de resistência, ao longo de sua “performance existencialista”, representando de certa forma habitarem dentro da “Amazônia²⁰”, um documentário mudo que a partir do silêncio mostra o desmatamento da floresta e a reflexão sobre os problemas causados pelo homem.

As discussões vão além de viver intensamente com inovações tecnológicas, um mundo de transformações em todos os setores ainda tem que manter o “estereótipo²¹” na dialética constituinte da consciência, em que esta se perfaz na medida em que faz o mundo, a interrogação nunca é pergunta exclusivamente especulativa: no processo de totalização da consciência é sempre provocação que os incitam e o totalizam. (FREIRE, 1997, p. 19).

Além disso, a herança na própria Amazônia de um sistema de troca em que o dinheiro está praticamente ausente, como no caso dos reassentamentos urbanos, e de uma região já marcada por uma extrema concentração de riqueza nas mãos das elites e não oferece um mercado regional. “A exclusão social e regional está, assim, inscrita desde o início do novo modelo

20 Lúcio Mauro Filho, Isabelle Drummond, fazem parte do elenco. Filme com direção de Thierry Ragobert, 2014.

21 Conceito ou imagem preconcebida, padronizada e generalizada estabelecida pelo senso comum, sem conhecimento profundo, sobre algo ou alguém. É usado para definir e limitar pessoas quanto à aparência, naturalidade e comportamento.

de (des) envolvimento que se impõe na região” (GONÇALVES, 2005, p. 67).

A identidade e o desenvolvimento destes sujeitos e suas representações são marcadas pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares (SILVA, 2014).

Em outras palavras, a afirmação das identidades nacionais aqui estipuladas em relação aos sujeitos é historicamente específica. Embora se possam remontar as raízes das identidades nacionais em jogo [...] à história das comunidades que existem no interior dos territórios, os conflitos, as mudanças entre elas surgem em um momento particular. Nesse sentido, a emergência dessas diferentes identidades é histórica; ela está localizada em um ponto específico no tempo. (SILVA, 2014, p. 56).

Em linhas gerais, “quanto mais entro em contato com a tecnologia ou capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural, que é patrimônio de todos e aos quais todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens” “A cultura consiste em criar e não em repetir. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo” (FREIRE, 1997).

Deste feito, a Amazônia como território econômico de exclusão, efetiva-se na proposta de discussão de intérpretes no campo dos vários discursos que abrem canais de superação de isolamento de grupos culturais na Amazônia.

São grupos atraídos, paradoxalmente, pela desterritorialização²² dos sujeitos, em busca de uma vida melhor e pela propaganda da terra. Exemplo disso é a segregação que grupos sociais ainda sofrem na Amazônia, usados como mão de obra barata e semiescrava, por sua origem étnica e/ou cultural, notadamente oriundos do Nordeste brasileiro.

Assim, a priorização deste tópico centrado neste assunto é decorrente da construção da imagem de Amazônia que se dá em campo simbólico demarcado por discursos ora solidários, ora autoritário, o que é reflexo imediato da origem das culturas amazônicas, mediante os processos colonialistas e pós-coloniais.

Ficando então provado que “a colonização como política do Estado representa uma técnica social que utiliza meios de seleção social e de controle social, tanto dos homens como dos espaços, para reproduzir a dominação de classe sobre as populações rurais brasileiras” (SANTOS, 1993, p. 194).

22 Para analisar o migrante frente aos impactos sofridos no decorrer da desterritorialização e re (territorialização) (HAESBAERT, 2005) se faz necessário retomar aos pressupostos do desenvolvimento histórico da sociedade diante dos processos de implantação do liberalismo e neoliberalismo, colonialismo e capitalismo, modernismo e pós-modernismo, os quais decorrem do modelo civilizatório, globalizado, eurocêntrico de dominação e exploração dos continentes “não modernos” do planeta e consequentemente da América Latina (LANDER, 2005).

Identificando: políticas, identidades e cultura na Amazônia.

Figura 2. Moradores Ribeirinhos a margem do Rio Xingu em Altamira/PA.



Fonte: (ALEXANDRE FALCÃO, 2010). Imagem do Rio Xingu e os Ribeirinhos que vivem na margem.

Em primeiro plano, é nesta representação que vem se desenhando o contexto histórico da Amazônia Paraense. As políticas de articulação funcionam no sentido de problematizar “silenciamentos” e “essencialismos” que têm atuado na configuração de movimentos e classes sociais, bem como de etnias, sexos, raças, etc., como sendo dotados de identidades unitárias, possibilitando, ao mesmo tempo, que se reflita de forma contingente e situada sobre diferenças e políticas particulares. (DAUDER & BACHILER, 2002).

A Cultura é a lente humana por excelência, e ser antropocêntrico é enxergar o mundo através dela. (...). Por conseguinte, o próprio dessa lente antropocêntrica é ser multifocal. Não existe rigorosamente a cultura, que é apenas um conceito totalizador, um artifício de raciocínio; mas miríades de culturas, correspondentes à multiplicidade dos grupos humanos e os seus momentos históricos. (BOURDIEU, 2002, p. 45).

A Cultura é uma abstração, um artefato de pensamento por meio do qual se faz economia da extraordinária diversidade que os homens apresentam entre si e com o auxílio do qual se organiza o que os homens têm de semelhantes. A Cultura é também o que os distingue das demais formas vivas: a capacidade de diferir de seus coespecíficos (BOURDIEU, 2002).

Nesse sentido, ressalta-se que a constituição da identidade de um povo é um processo lento, que cria e se recria de acordo com seus usos costumes e tradições referenciadas na cultura enquanto práticas sociais em movimento, uma vez que este estudo está direcionadas para as representações dos sujeitos, que ainda encontram nas poucas locadoras, acesso a filmes e laser.

Em segundo plano, destacam-se os “indígenas citadinos” e os moradores da zona rural, público frequentadores das locadoras em um processo de valorização, conseqüentemente, em um sentido amplo, trás representações de pertencimentos, onde a busca por colaboração para estes empreendimentos encontra-se escassa no âmbito social.

Sem mencionar as ampliações globalizadas neste mundo tecnológico, moderno e capitalista, onde a diversidade cultural e identidade de um povo representa também um fator

primordial de conhecimento humano determinado por vários ramos das ciências ou da natureza como forma de explicação de conceitos e regras sociais, trazendo novos saberes neste contexto.

Logo, a identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobre-determinação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” – uma sobre-determinação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação. (FREUD, 1991).

Amazônia: Sujeitos de representação, múltiplas Identidades, diferentes histórias

Figura 3. Chegada dos Migrantes para trabalhar na Usina de Açúcar



Foto: (Wemerson Vaz). Imagens da chegada dos migrantes na colonização da Transamazônica na Usina Abram Lincoln em Medicilândia/PA.

Nessa abrangência migratória, com representações de múltiplas identidades, reporta-se ao filme “Rituais e Festas Bororo²³”, realizado em 1917, pelo Major Luiz Thomaz Reis nas suas primeiras filmagens como responsável pela Seção de Cinematografia e Fotografia da Comissão Rondon²⁴ na Amazônia. A análise centra-se na narrativa cinematográfica e sua contraposição com fotogramas publicados no volume I da série Índios do Brasil, assinada por Cândido Mariano da Silva Rondon e publicada em 1946 (TACCA, 1998).

A imigração ou os paradoxos da alteridade, por certo, é em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de qualquer coisa no espaço físico; nisto, encontra-se relacionada, prioritariamente, com as ciências que buscam conhecer a população e o espaço, ou seja, grosso modo, a demografia e a geografia, (...) não é por nada que a demografia é uma questão, em parte, dos geógrafos e, em parte, dos historiadores (HALL, 2006, p.45).

[...] falar de imigração é falar da sociedade como um todo, falar em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica, (...) e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionalmente; (...) (SAYAD et al, 1998, p. 16).

De fato, o migrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade que assim o designa. Dessa forma ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento. Essa é outra versão do etnocentrismo: só se

23 O índio pacificado: “uma construção imagética da Comissão Rondon”, Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, NAI, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais/ UERJ. (TACCA, 1998).

24 Convém salientar que a Inspeção de Fronteiras pôde realizar o programa que organizei por ser ela filha diletta da antiga Comissão Telegráfica, ou Comissão Rondon, como já o havia sido o Serviço de Proteção ao Índio. (VIVEIROS, 1958: 573).

conhece o que se tem interesse de conhecer [...] (HALL et al, 2006).

Este nascimento da vida do migrante na entrada do território contracena com as primeiras produções cinematográficas da Amazônia. A esta impressionante observação e a falta de condições das tomadas cinematográfica por falta de luz. Há entre eles práticas inocentes e outras verdadeiramente horríveis; ora, em cinematografia, uma arte que, como todas as outras, passa por tantas modalidades, quanto mais de perto tem que acompanhar as inclinações e gostos do público, o que é horrível é que agrada; tanto mais bárbara é uma cena tanto melhor para tonificar os nervos gastos das nossas plateias, avidas do sensacional (MAGALHÃES, 1942: 325).

Trazer para a educação é dizer que a imigração é um “fato social completo”, única característica, aliás, em que há concordância na comunidade científica. E, a este título, todo o itinerário do imigrante é, pode-se dizer um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas, história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia, social e até mesmo das ciências cognitivas, antropologias em suas diversas formas (social, cultural, política, econômica, jurídica etc.), linguística e sociolinguística, ciência política etc. (SAYAD, et al, 1998, p. 20).

Trata-se de uma história sobre guerra e o conflito, desenrola em um cenário de turbulência social e política. Trata-se também de uma história sobre identidades. Neste cenário mostram-se duas identidades diferentes, dependentes de duas posições nacionais separadas. “que são vistos aqui como dois povos claramente identificáveis, aos quais os homens envolvidos supostamente pertencem – pelo menos é assim que eles se veem. Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (HALL, 2000, p. 08).

Ainda segundo Hall (2016, p. 18) “A imagem visual junto com a linguagem são um dos ‘meios’ através dos quais pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura”. E de forma complementar, a cultura é colocada como o local de criação e troca de significados dentro de um grupo ou sociedade, além de estarem relacionada a sentimentos, conceitos, ideias e o senso de pertencimento.

Amazônia, fundamentada e localizada nos construtos das representações dos migrantes refletindo o cenário virginal amazônico, o migrante multifacetado e o novo modo de vida na “terra prometida”. Com efeito, constata-se o transformar-se das formas e as práticas culturais, as histórias e as tradições, a alteridade e as diversidades.

Do Individual à coletividade o entrecruzamento, e a reafirmação de uma sociedade contemporânea marcada pela transculturação, dialogando com a própria Amazônia e sua diversidade. Considerando ainda que o migrante, a despeito de localizado, enraizado ou integrado, ainda guarda em si algo do viajante, de quem está em trânsito, literal ou metaforicamente (IANI, 2004, p. 99).

Os migrantes, independente do velho ou novo mundo, são anciões, irrequietos para que juntos com a grande Amazônia representem as imagens mais elementares do modo de vida e cultura destes sujeitos. Para que relembremos o multiculturalismo trazido por eles, o encontro cultural e a reconfiguração da paisagem humana no fluxo migratório para as transformações dos territórios.

Neste contexto, os migrantes, são indivíduos à procura de terra e cidadania. São migrantes tangidos pela seca do Nordeste, são expropriados das terras do Sul e Sudeste do país, são

andarilhos que beiram os rios amazônicos ou habitam nas periferias das cidades do Norte, são viandantes, forasteiros e retirantes das estruturas sociais, excludentes do Brasil. São famílias ou grupos, porém, somam milhares de nordestinos, sulistas, sudetistas, nortistas e centro-estinos em busca de sobrevivência a partir da agricultura, pequenas empresas, ou trabalho nos grandes projetos possíveis de instalação na região.

Chegam de aviões, barcos, trazidos pelo governo federal ou vindos por conta própria em qualquer transporte e situação de viagem. São argentários e pobres; são jovens, adultos e idosos; experientes ou arigós; são destemidos e tímidos; são aqueles cujos objetivos são bons e os maldosos. Porém, todos partiram com um só propósito na esperança de realizar um projeto próprio de existência nas terras intactas da Amazônia: “sobreviver”.

A cultura Amazônidas, pode se dizer, é essencialmente impelida por uma estética diaspórica. Em termos antropológicos, são culturas irremediavelmente “impuras”. Essa impureza, tão frequentemente construída como carga e perda, e em si mesma uma condição necessária a sua modernidade (HALL 2016, p. 34).

Assim, sobre a bagagem do migrante e sua representação no território, esta será sempre condescende com um comboio, de vagões inúmeros, que circularão durante anos a fio até encaixarem-se, e sumirem-se nos novos padrões de cultura próprios do lugar. Além de objetos, ele traz “coisas”. Cito aqui “coisas” em conformidade com Ingold (2012) quando ele afirma ser a “coisa”, por sua vez, um “acontecer”, ou melhor, lugares onde vários acontecimentos se entrelaçam. Coisas são modos de vida, ou, a recriação do ambiente através da contribuição, da visão do ser humano.

Algumas Considerações

Temos que reconhecer que a Amazônia, no que tange formação e informação, precisa de mais diálogos para incorporar questões instigantes abordadas – a formação do ser humano como sujeito de cultura por meio da educação – seja retomada como ideário de toda política educativa.

Comprometer com a formação e informação plena significará recuperar dimensões perdidas e secundarizadas, por exemplo, a formação ética. Ou até mesmo repensar a formação das múltiplas dimensões da própria “formação humana” que infelizmente no campo das informações estão centrados exclusivamente na transmissão de conhecimentos, recortados, que visam à quantidade e não a qualidade. Em síntese, nos defrontamos com dois referentes na cultura da mídia: cinema e educação. O cinema como referente de mercado e a educação como referente de direito. Equacionar os conhecimentos e as competências no referente do mercado (cinema), que é apresentado hoje na escola, nos levará a uma visão pragmatista, utilitarista, parcializada e segmentada do conhecimento que deveria ser apresentado com o cinema na educação.

Haja vista, não podemos deixar de mencionar o referente ético do direito à produção cultural da humanidade que não podem ser secundarizados a partir das inovações tecnológicas na comunicação e informação como também não podemos esquecer a diversidade, sistemas simbólicos, linguagens que a humanidade acumulou. A partir daí, devemos capacitar as novas gerações para novas formas de pensar e de agir diante das tecnologias.

Estudar a Amazônia, inserida em território de exclusão, é o mesmo da representação do cinema no passado ou no presente, fica a imagem impressa na última cartela do filme “Ritual e Festa Bororó” que dizia: “Tínhamos ali a sensação dos remotos tempos do Descobrimento”.

O “selvagem” poderia ser então identificado como um mito de origem da brasilidade. Ou até mesmo na trajetória da Caravana Rolidei do filme “Bye Bye Brasil” que mostrou um cenário desafiador embalado pela trilha sonora da música de Chico Buarque que já alertava: “Oi, coração/Não dá pra falar muito não/Espera passar o avião/Assim que o inverno passar/Eu acho que vou te buscar/Aqui tá fazendo calor/ Deu pane no ventilador/Já tem fliperama e cinema em Macau/Tomei a costeira em Belém do Pará/Puseram uma Usina no mar/Talvez fique ruim

pra pescar/Meu amor”²⁵.

Logo, destacando na Amazônia o campo político e identidades culturais, prevalece nos envolvidos um campo específico de manifestações e desenvolvimento na sociedade e nas várias identidades culturalmente enraizadas vindas para esta imensa floresta. Se comparado ao campo educacional, fazendo uma intertextualidade com o filme “Xingu”²⁶, teríamos uma crítica semelhantes, “aos desafios naturais somavam-se falhas constantes nos transportes e nas comunicações”.

Desse feito, os escritos demonstram, enfim, que a tecnologia impulsionada pelo próprio cinema, trouxe um espaço de interação, onde podemos repensar em cultura, identidade e valorização dos discursos sobre os sujeitos deste estudo como elementos socialmente culturais, cada um com suas representações, múltiplas identidades, diferentes histórias. E como toda sociedade tem no seu imaginário a forma enigmática de sua compreensão enquanto grupo culturalmente organizado, a Amazônia não poderia ser diferente, é necessário, portanto, levar em conta seu imaginário social de exclusão.

Desvelar as representações identitária na Amazônia tem, também (e não em segundo plano), uma função social que se desdobra na afirmação da diversidade como algo positivo e no combate a todo tipo de fundamentalismo e intolerância. Se, de fato, a Amazônia, tem muito a dizer sobre o Brasil, que nos ajude então a narrar um país que vive hoje um processo de reinvenção social e cultural. Nesta lógica, esta pesquisa de natureza bibliográfica, permitiu um avanço no diálogo atual discursivo sobre o processo de identidades culturais formadas a partir do contexto tecnológico e sua resistência no campo cultural e social dos sujeitos que vivem a margem da sociedade.

E, finalmente, mediante todos os fatos relacionados aos aspectos centrais do texto: cinema, educação, cultura e identidades na Amazônia, percebeu-se que estão relacionados à cultura universal inerente ao discurso capitalista vigente, aqui se tece algumas considerações finais, sem a menor pretensão de concluir a discussão, tamanha é a riqueza sociocultural existente nesta “selva” Amazônica.

²⁵ Bye, Bye Brasil. Chico Buarque de Holanda. Editora: Vagalume.

²⁶ Um filme de Cao Hamburger com Caio Blat, Maria Flor, João Miguel, Fábio Lago. Os irmãos Orlando (Felipe Camargo), Cláudio (João Miguel), contando a história dos irmãos VILLAS BÔAS, Orlando; VILLAS BÔAS, Cláudio. A marcha para o Oeste: a epopeia da Expedição Roncador-Xingu. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 638p. Inclui mapa e fotos.

Referências

ALMEIDA, Maria Isabel de. **Formação do Professor do Ensino Superior: desafios e políticas institucionais**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção docência em formação: Ensino Superior / Coordenação Selma Garrido Pimenta).

ALBAGLI, Sarita. **Amazônia: fronteira geopolítica da biodiversidade. Parcerias estratégicas**, v. 6, n. 12, p. 05-19, 2010. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/105/1/AlbagliParcerias2001.pdf> Acesso: 05 mar. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2002.

BUENO, Magali. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, 2002.

CRESWELL, J. W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approach**. Thousand Oaks, Califórnia: Sage, 2007.

COUTINHO, Afrânio. **A tradição afortunada**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. p. 179.

COSTA, A. **Comprender o Cinema**. São Paulo: Globo, 1989.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Número Especial – Cultura, Culturas e Educação. N. 23, mai/Jun/jul/ago 2003.

DIAS, Reinaldo. **Fundamentos da Sociologia Geral**. 2ª ed. amp. Atual. Campinas, SP: Alínea, 2000.

DAUDER, Sílvia Garcia & BACHILER, Carmen Romero. Rompiendo viejos dualismos: De las (in) posibilidades de La articulación. **Athenea Digital**. N.2. Otoño, 2002.

DIEGUES, Carlos. **Cinema brasileiro: ideias e imagens**. Porto Alegre: Ed. da Universidade (UFRGS), 1988.

FREUD, Sigmund. (1921/1991). **“Group psychology and the analysis of the ego”**. Civilization, Society and Religion. Vol. 12 Selected Works. Harmondsworth: Penguin.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, p. 58, 1987.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GONÇALVES, Carlos Walter P. **Amazônia, Amazônias**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HALL, Stuart. **O papel da representação** (p.13-117). In: _____. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Editora PUC-RJ, 2016.

_____, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Guacira Lopes Louro. Editora: DP&A, 2006.

_____, Stuart. **Identidade e diferença**. Editora: Vozes, Rio de Janeiro, 2000.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida**. Horizontes antropológicos. Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan-jun 2012.

IANI, Octávio. **Capitalismo, Violência e Terrorismo: O migrante**. Editora Civilização brasileira. Rio de Janeiro. 2004.

KOTSCHO, Ricardo. **Serra Pelada: uma ferida aberta na selva**. São Paulo: Editora brasiliense, 1984.

LANDER, Edgard. **Ciências Sociais: Saberes coloniais e eurocêntricos**. In: LANDER, Edgard (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais – CLACSO, 2005, p. 21-53.

LEME: **Aproveitamento Hidrelétrico Belo Monte**. Relatório de Impacto Ambiental – Rima. Brasília, 2009.

LEITE, S. **Cinema brasileiro: das origens à retomada**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém, Cejup, 1995.

_____, Paes. **Obras reunidas**. São Paulo: Escrituras, 2000.

MAGALHÃES, A. B. DE. **Impressões da Comissão Rondon**, 5.ed., Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional. 1942.

MOURA, Salvador Tavares de. **Serra Pelada: experiências, memórias, disputas**. 2008. 114f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2008.

MARX, Karl. “Preface”, **em Contribution to the Critique of Political Economy**. Pequim: Foreigner Languages, 1993, p. 3.

MORAN, José Manuel. **A Educação que desejamos: Novos desafios de como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

SANTOS, L. F. S. **Amazônia das ideias de paraíso às ideias de ecossistema**. IN: BASTOS, E. R.; PINTO, R. F. (Org.). **Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro**. Manaus: Editora da UFAM, 2007. p. 376-407.

SILVA, J. A. **O uso escolar do filme no currículo do Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação). 2012. Universidade do Oeste Paulista – UNOEST, Presidente Prudente, SP. 2012. Disponível em: <http://bdt.unoeste.br:8080/jspui/handle/tede/876?mode=full> Acesso: 05 mar. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / (Org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Escrevendo e normalizando trabalhos acadêmicos**. Um guia Metodológico. 2. Ed. Florianópolis: UFSC, 2001, p.78.

SANTOS, José Vicente Tavares dos, Matuchos: **Exclusão e Luta - Do Sul para a Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1993.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. Tradução Cristina Murachco. Prefácio: Pierre Bourdieu. Editora: Edusp, 1998.

SARR, Felwene; (2019). **Afrotopia** In: FILHO, G.; BERENO, J.; SOARES, J. **Afrotopia: desafios**. Ed. Cejup, 2018.

TACCA, F. DE. **“O índio pacificado: uma construção imagética da Comissão Rondon”, CADERNOS DE Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, NAI, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais/ UERJ. 1998.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Rondon conta sua vida**. 1958; Rio de Janeiro, Livraria São José.

Recebido em 29 de março de 2020.

Aceito em 6 de maio de 2020.